



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA PRISÃO: AEROSOL E CHUPA CHARQUE

Autor (1): Giseliene Medeiros Almeida;

Universidade Federal da Bahia, e-mail: gisele_ufal@hotmail.com

Co-autor (1): Maria Helena Santana Cruz;

Universidade Federal de Sergipe, e-mail: Helenacruz@uol.com.br

Resumo: O presente artigo objetiva analisar a sexualidade descrita por mulheres encarceradas, pensando em seus corpos presos que se libertam na fuga das identidades sexuais e papéis de gênero. Este estudo é fruto de uma das sessões analisadas na Dissertação de Mestrado intitulada como: *As Invisíveis do Cárcere: interfaces identitárias de mulheres aprisionadas*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Os pressupostos epistemológicos da metodologia qualitativa interpretativa de inspiração pós-crítica constituem o norte teórico da pesquisa. Foram consultadas várias fontes de informações e instrumentos de coleta de dados como: observação participante, registro em diário de campo e entrevistas semiestruturadas realizadas com 15 mulheres e 10 homens, atribuindo-se especial destaque à voz das mulheres, à construção cultural de identidades e modos de subjetivação. Os resultados revelam vivências de mulheres na prisão, sendo criadas categorias nativas de expressão da sexualidade feminina como o aerossol (práticas sexuais com frascos de desodorante vazios) e chupa charque (sexo oral). Além disso a pesquisa destacou os processos formativos educacionais (formais e informais e/ou institucionais e não institucionais) que reproduzem uma cultura heterossexual compulsória e sexista, a qual, se expande e se materializa dentro da prisão. Tratamos de vidas que subjetivam a prisão de maneiras diferenciadas, que vivem a sexualidade como modo de libertação. Que transgridem as normas de gênero e que transforma um corpo violado a um corpo repleto de fugas e prazer.

Palavras-chave: Sexualidade, mulher, prisão, liberdade.

Introdução

No Brasil, estudos referentes a criminalidade feminina ainda são incipientes e pouco explorados, sendo emergente pensar sobre as mulheres que cometem crimes, que burlam a ordem dominante e fazem-nos questionar as esferas sociais engendradas relativas aos padrões e formas de ser e viver como mulher na sociedade.

Ao se falar sobre a sexualidade feminina encarcerada, percebe-se o quão escasso são as pesquisas nessa área, na medida em que historicamente a mulher não possui o tal extinto masculino, logo lhes cabem o pudor e o recato diante de uma sexualidade exacerbada e amordaçada por toda uma vida.

Destarte, o presente artigo tem como objetivo analisar como a sexualidade é descrita por mulheres presas e o que tais práticas nos revelam em torno do feminino



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Práticas de Cárcere

que comete crimes concernentes a vivências sexistas no cárcere, enfatizando a fuga do disciplinamento dos corpos por meio da expressão da sexualidade.

O problema de pesquisa diz respeito a: Como as mulheres encarceradas vivenciam sua sexualidade e o que tais práticas nos revelam no que se refere a divisão sexual do crime?

Aventa-se a hipótese de que a expressão da sexualidade feminina na prisão funciona como uma fuga do disciplinamento dos corpos. E ainda, supõe-se que tais práticas revelam a sonegação de direitos, outrora expressam os padrões de ser e viver como mulher na sociedade, as quais não cabe sentir prazer.

O presente artigo é fruto de uma das sessões de análise da dissertação de mestrado em Educação, intitulada como: As invisíveis do cárcere: interfaces identitárias de mulheres aprisionadas, defendida em 2018 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

O público alvo da pesquisa diz respeito às mulheres e homens do Presídio Regional de Paulo Afonso, Bahia, dando especial destaque para as vozes das mulheres presas, se reportando aos homens para compreender de forma contextualizada as diferenças vivenciadas por presos e presas.

Desta forma, o presente trabalho é relevante na medida em que

trata-se de uma iniciativa de dar voz as mulheres encarceradas para além dos muros da prisão, pensando em suas práticas sexuais como forma de libertação, assim como, denunciando e publicizando direitos sonegados no que concerne às mulheres que vivem em presídios feitos por homens e para homens. Assim como desnaturalizando práticas e padrões de ser mulher na sociedade, aos quais estão descritos em cada fala das mulheres entrevistadas.

As categorias de análise dizem respeito a criminalidade feminina, gênero e educação, entendendo a educação em seu sentido plurirreferencial, abordando-a enquanto uma ferramenta de emancipação, consciência social, política, cultural e econômica, que promove o desenvolvimento do indivíduo de maneira integral em sua formação institucional e não institucional, escolar e não escolar.

Entende-se que a prisão produz uma pedagogia própria, assim, pensar a educação sob o cenário e perspectiva do sistema prisional feminino, torna-se pertinente, uma vez que o próprio ato punitivo é um recurso educativo, outrora, aplicado às práticas vivenciadas de natureza carcerária, considerado marcante na vida dos indivíduos, constituindo-se enquanto um processo deliberativo/formativo/educacional de vida.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

As vivências de sexualidade

feminina se fez presente como estratégias de sobrevivência e fugas do disciplinamento dos corpos, uma vez que por meio do ato sexual as mulheres se deleitam uma sobre as outras, infringindo as normas e se refazendo em suas interfaces. Em Foucault, aprendemos que existem as relações de poder nos variados mecanismos sociais, mas também as fugas desses poderes e estratégias de disciplinamento.

As mulheres presas, por sua vez, desmantelam as conjunturas sociais, questionam os padrões de mulheres dóceis e frágeis, e ao mesmo tempo se inserem nas mais variadas identidades de mulher ideal e mulher criminosa.

Metodologia

A vertente epistemológica da pesquisa diz respeito a teoria pós-crítica em educação, considerando que esse tipo de abordagem teórico-metodológica se caracteriza por tratar o conhecimento como algo inacabado, que sempre coloca em xeque as verdades produzidas, multiplicando sentidos e discursos acerca do objeto de pesquisa. Segundo Meyer e

Paraíso (2012), as pesquisas pós-críticas constituem-se em um campo aberto, composto pela alegria do zigzaguear, de modo que temos a possibilidade de movimentarmo-nos entre nossos objetos de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí questionar e inventar algo sobre o mesmo.

A população estudada integra homens e mulheres do Presídio Regional de Paulo Afonso (BA)¹, com destaque para as mulheres. Vale ressaltar que a unidade prisional é destinada, predominantemente, à população masculina (394 internos), contudo, possui uma ala improvisada para o público feminino minoritário (19 internas) no momento da pesquisa de campo realizada em 2017 e 2018.

Com ênfase na metodologia qualitativa e interpretativa de inspiração pós-crítica realizou-se por meio do estudo de caso do tipo etnográfico² um estudo no Presídio Regional de Paulo Afonso (BA). Para André e Dalmazó (2005) a abordagem etnográfica na qual a condição de observação participante é justificada como uma das opções metodológicas na pesquisa em educação – trabalha com a categoria

¹ Vale ressaltar que a fim de elencar a pesquisa na imprescindível seriedade científica, o projeto de pesquisa para produção da dissertação de mestrado foi apresentado ao Comitê de Ética vinculado ao

Hospital Universitário de Aracaju e à Universidade Federal de Sergipe, obtendo o parecer final de aprovação no dia 10 de fevereiro de 2017.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cultura na compreensão do ambiente seja escola ou no presídio estudado.

Foram previamente marcadas as sessões de entrevistas semiestruturadas, realizadas com 15 mulheres e 10 homens, integrando também a técnica de observação participante e registro em diário de campo.

Enquanto categoria de organização e análise dos dados coletados, aplicou-se a técnica de análise textual discursiva que de acordo com Moraes e Galiazzi (2006), se trata de uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso.

Assim, a partir desses métodos de coleta e análise dos dados, identificamos algumas categorias natas referentes a sexualidade feminina na prisão, como o aerossol e chupa charque, que nos dão pistas em torno da liberdade e fugas da prisão, vivenciadas pelas mulheres presas em suas interfaces subjetivas e identitárias.

Corpos presos que se libertam na fuga do prazer: sexualidade feminina na prisão

Em um dia de sol, no mês de fevereiro de 2017, com nove meses de gravidez, a pesquisadora se dirige pela 11ª vez, para o presídio campo da pesquisa, para mais uma sessão de entrevistas. Entretanto, desta vez, os conteúdos das entrevistas abriram espaço para um

leque de possibilidades de compartilhamentos de vivências “secretas”, conteúdos íntimos até então não revelados sobre o cotidiano da prisão.

Entre uma entrevista e outra, conversamos sobre a vida, a família, os sonhos, as alegrias, as tristezas, etc. e por um instante esquecemos da condição que nos separava. Entre os varais, estendendo roupas, lavando o pátio, fumando, comendo e tomando banho, foi possível conversar sobre diversos assuntos, inclusive a sexualidade. As internas de maneira mais confiante já falavam de forma mais descontraída.

Uma delas, mulher lésbica, contou que está namorando e estava apaixonada por outra companheira (interna/menina), que não tinha família. Mas que isso lhe custou caro, pois tinha uma esposa que ia lhe visitar e que estava procurando os meios de tirá-la do presídio, mas que com a traição havia abandonando-a.

Em meio aos varais estendendo roupas, algumas presas conversavam sobre sexo, uma delas com um cigarro na boca, fazia gestos lambendo o cigarro para a outra que gargalhava e mostrava o dedo. Outra, depilava as pernas em um banco próximo ao banheiro, que via a ação das companheiras e balançava a cabeça de um lado para o outro com um sorriso no canto da boca, como quem tentava disfarçar. Em meio a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

esta cena, a pesquisadora ao entrevistar a presa de número 6, com um olhar atento ao que se passava aos redores, questionou para a entrevistada sobre a sexualidade, havendo várias interrupções externas,

Aqui tá na moda o aerossol e o chupa charque (interrupções externas, risos conjuntos);

Pesquisadora: mas o que é esse aerossol e chupa charque?

Presa/Pesquisada: O frasco de desodorante que as meninas usam para enfiar, amarra na cintura e tome...(risos). Aqui tão virando tudo sapatona, de noite o pau come. (risos). E o chupa charque é porque é salgado, uma chupa a outra, tá ligada? (Risos). E enquanto isso, os home tem direito a duas visitas intimas por semana. O povo aqui pensa que a gente não tem necessidade, aí nós se vira como pode, mete o dedo, aerossol, chupa charque... (Risos). Mas eu num faço isso não são as meninas ai! (Risos coletivos e interrupções externas). Mentira! (PRESA 6).

O aerossol assim como descrito pela entrevistada, diz respeito a um frasco de desodorante vazio, em que colocam a camisinha amarram na cintura e a outra penetra na companheira. O chupa charque, por sua vez, concerne à prática de sexo oral, elas intitulam desta forma porque afirmam que a vagina é salgada.

A expressão da sexualidade dessas mulheres nos chama atenção para as estratégias (linhas de escapatórias) traçadas por elas dentro da prisão. Em Foucault (1998), aprendemos a pensar sobre o poder que disciplina que gera mecanismos de controle, mas, para além disso, leva-nos a refletir sobre as estratégias, fugas e resistências em detrimento destes poderes (p. 142).

As presas, ao se amarem uma com as outras, estão quebrando barreiras impostas pelo sistema, considerando que elas não possuem o direito a visitas intimas e nem tão pouco a exercerem a sexualidade entre elas. Conforme destaca solicitando segredo, a presa de número 1 “tais práticas são proibidas, pois sexo é proibido aqui na cadeia, nós mulher não tem direito nem de se pegar (Risos). Se o chefe souber castiga nós. Ele diz que é para evitar doença, mas doença a gente pega é se num gozar” (PRESA 1).

A este respeito, vale ressaltar que o coordenador de atividades laborais e educacionais, afirma saber de tais atos sexuais, contudo não há castigos para essas práticas, mas que não pode desleixar, pois é necessário impor ordens.

Desta forma, diante desses discursos percebe-se que o coordenador exerce o seu poder de disciplina e controle por meio das regras impostas e as presas burlam essas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ordens nas madrugadas se deleitando uma sobre a outra. Embora tenham seus dias controlados e vigiados, elas amam-se e se consolam sobre o silêncio da noite. No momento em que os portões das celas fecham, quando as luzes são apagadas, quando as agentes e policiais dormem, elas exercem seu poder de liberdade dentro da prisão.

Os discursos nem sempre são daqueles que os proferem, pois fazem parte de um contexto repleto de mecanismos de controle e efeitos de poder. Conforme assinala Foucault (1970), discursar é ter vontade de possuir uma verdade que é momentânea. Em vigiar e punir (2013), Foucault nos adverte sobre as múltiplas forças que dobram os núcleos de poder, os gestos das presas no que se refere à sexualidade questionam a totalidade da disciplina e controle imposto. Pois, ao adentrar no sistema prisional as mulheres presas são despedidas de suas identidades, suas roupas, modas de se comportar, de comer, de falar, de ser e viver, mudam em suas mais íferas esferas, carecendo de se adestrar ao que o sistema obriga.

Ao surgir o assunto da sexualidade, durante as entrevistas as presas sempre davam um jeito de retomar tais acontecimentos, ora como forma de rir, outrora como maneira de falar um pouco mais de algo que parece ser tão interessante e prazeroso em meio a um

ambiente hostil que não tem muito o que fazer, ocupar a mente e gargalhar das vivências também se constitui uma estratégia de fuga.

Ao falar em liberdade, reportamo-nos a Dráuzio Varella (2017) quando afirma que a prisão, por muitas vezes é um espaço de liberdade feminina, visto que, no cárcere, as mulheres fogem temporariamente das imposições machistas extramuros, uma vez que elas são reprimidas desde o momento do nascimento, impondo-se modelos de como ser e viver enquanto mulher na sociedade.

Varella (2017) afirma que 80% das presas de sua pesquisa relatam um comportamento homossexual, de forma sutil, entre as grades as mulheres exercem um poder de fuga, da disciplina imposta, bem como dos estereótipos e padrões sociais.

Em entrevista para o site El País (2017) Varella, nos informa que,

O único lugar em que a mulher tem liberdade sexual é na cadeia. Não existe nenhum outro local na sociedade onde ela é livre assim. As mulheres são reprimidas desde que nascem: a menina de dois anos de idade senta com a perna aberta e a mãe diz “fecha a perna”. Essa repressão ocorre o tempo inteiro. Comportamentos que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

são aceitos e naturalizados para um homem são execrados para mulheres. E no presídio, sem os homens, não existe essa repressão social. Isso faz com que elas tenham o comportamento social que desejarem ter. A homossexualidade está muito mais próxima do universo feminino do que do masculino, e o que a cadeia faz é criar condições que dão liberdade para que a mulher se comporte do jeito que ela achar melhor, sem repressão. E do outro lado você tem a solidão. Essa mulher vive praticamente sozinha, pouquíssimas recebem visitas íntimas, apenas umas 120 de um total de 2.200 (não paginado).

O autor versa sobre uma possibilidade de liberdade feminina na prisão, alegando que as mulheres presas não sofrem repressão social, entretanto, estas mulheres são parte do meio e pesquisas feitas até aqui demonstram que as imposições patriarcais e machistas reinam até mesmo nas prisões.

Contudo, ao se ponderar sobre o argumento da liberdade sexual, é interessante pensar sobre este aspecto relacionado às mulheres encarceradas, haja vista que elas se libertam dos cadeados das prisões e viajam nas emoções ao se permitirem gozar uma com as outras. Pois, mesmo em meio a vergonha, padrões morais, considerados

corretos, trazidos de fora da prisão, em sua maioria, elas se permitem sentir um prazer diferenciado, se reinventando, criando estratégias de fugas que nesta pesquisa, exemplificado por meio do aerossol e chupa charque.

Dados referentes às mulheres presas, sobre a solidão enfrentada, atos homossexuais na prisão, amores bandidos, dentre outros, são visíveis em várias pesquisas em âmbito nacional (SILVA, 2015; COSTA 2008; PIMENTEL 2017; dentre outros). Elas vivenciam múltiplas prisões e formas, adotam estratégias de enfrentamento, de escapular da disciplina.

Em entrevista com a presa de número 5, sobre a sexualidade, foi retomado o assunto mais badalado do momento: aerossol e chupa charque,

Gosto de mulher não, de homem... (Risos e interrupção externa). Ela já ficou com mulher... (Risos).
Entrevistada- Não.
Entrevistada- Meu crime de acusação foi... (Interrupção externa)- Aerossol (risos).
Entrevistada- Aerossol... não! É mentira dela.
Pesquisadora- É o que, que ela disse?
Entrevistada- É não, num pode falar não que é mentira dela. (Risos)
Pesquisadora- O que?
Que eu gosto de aerossol, risos...
Aerossol é um negócio que bota nas pernas e fica metendo.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Interrupção externa-

Ela que experimentou esse negócio aí. Risos

Entrevistada- Não experimentei não

Jaque, é mentira.

Risos... Ai, como é que se diz, desconcentrou tudo agora, risos...

Interrupção externa-

Porque como aqui não tem homem, aerossol é aquele espray, num tem aqueles espray?

Pesquisadora- Há, é aqueles spray de desodorante?

Entrevistada- Ai bota uma camisinha, bota uma camisinha e faz relação. Risos...

Pesquisadora- há, entendi. Risos... Espere ai... aerossol é aquele frasco de desodorante, ai uma amarra e a outra usa?

Entrevistada- Isso, a gente se vira com o que tem. Risos

Interferência externa- Eu não quero nem me pagando a ouro isso aí.

Entrevistada: Quer nada, tu que já me ensinou (PRESA 6).

As presas em geral, falavam do aerossol e do chupa charque, com entusiasmo e muitas risadas, outras vinham disfarçadamente de suas celas e sentavam ao lado, a fim de ouvir ou participar da conversa. Entre os diálogos contavam histórias de sexo com companheiros diferentes, descreviam as cenas, gaiteavam sem medo de julgamentos. A presa de número 11, a mais velha da casa, lavava o pátio, com um balde cheio de água e derramou sobre os pés e pernas das mulheres ali sentadas que

sorriam. Ao derramar a água ela explicou o motivo do seu ato: “pra ver se baixa esse fogo” (PRESA 11).

O comportamento dessas mulheres ao falar de sexo de maneira aberta e descontraída revela que os corpos presos se libertam na fuga das identidades sexuais e papéis de gênero. Inspirada em Foucault (1970, 1988, 1998, 2013) arrisca-se a dizer que essas mulheres possuem uma ética de existência peculiar, que se compartilham e envolvem-se, mas que também se calam e se protegem diante do poder disciplinar do cárcere. São essas as múltiplas forças que dobram e desmantelam os núcleos de disciplina e poder na prisão.

Concomitantemente, é importante frisar que assim como afirma Silva (2014), são poucas as mulheres que saem da prisão e continuam mantendo um relacionamento com a companheira de cela, uma vez que, de modo geral a sociedade aponta as prisioneiras como homossexuais, como se os papéis entre homens e mulheres fosse essencialista, “muitas mulheres quando saem da prisão retornam para os companheiros ou parceiros” (SILVA, 2014, p. 152).

Silva (2014) versa sobre amizade feminina na prisão, se reportando aos conceitos foucaultianos, nos instiga a pensar em uma amizade que se trata de uma mistura de amor, amizade e paixão,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

misturadas no enclausuramento. Em

“A história da sexualidade I”, Foucault (1988) apresenta a perspectiva histórica de discursos referentes ao sexo entrelaçado a interesses e relações de poder, fomentando pensar sobre a sexualidade nada mais como corpos com os quais a construção/fabricação do prazer é possível (p. 173).

No que se refere a sexualidade, algumas mulheres vão além da homossexualidade pontual, vivenciada apenas na prisão, como a presa de número 2, que afirma ser lésbica desde que nasceu,

Sou lésbica desde o dia em que eu nasci. Nunca fiquei com homem não, nem tenho vontade, nunca fiquei com homem não e nem tenho inveja de quem fica, nunca tive vontade não, desde criança eu sou assim. Minha mãe ainda me levou no médico pra saber o que eu tinha de errado, mas ele falou que não tinha nada de errado. Sofri, eu não tive amor de mãe não, minha mãe me rejeitou por causa disso, desde os doze anos. Com doze e ela queria que eu casasse, aí eu falei que não, não ia casar não, eu não gostava de homem. Aí meu pai sempre me ajudou, sempre ficou do meu lado. A primeira vez que eu menstruei eu conversei com ele não foi com ela, ele que resolvia meus

problemas todos (PRESA 2).

Pesquisadora- Tem muito tempo que você se assumiu enquanto trans?

Entrevistada- Tem, minha mãe fala que desde 6 anos... Eu não gostava de penteado, minhas roupas era diferente e meu primeiro beijo foi com uma menina. Eu sofri mais assim, na parte do meu pai que ele não aceita, sabe? É tanto que eu morava com ele e eu saí de lá, fugi de casa, porque ele nunca aceitou (PRESO 2).

A presa de número 2 relata que sofreu e ainda sofre preconceitos por ser lésbica. Ela chora ao falar do desprezo de sua mãe que se acorda com ela, adveio justamente pelo seu jeito “diferente” de ser. Relata que sua mãe a levou ao médico, entendendo ser a homossexualidade uma doença. No fim do século 19, tomou força a teoria de que a homossexualidade era uma doença mental, e deveria ser tratada. Até 1973 a homossexualidade era considerada um ‘transtorno antissocial da personalidade’. Robert Spitzer, considerado o pai da classificação moderna das doenças mentais. O conhecimento biológico e sociológico também foi incorporado, em um modelo que não enfatizava um claro limite entre normalidade e anormalidade

O psiquiatra Robert Spitzer desempenhou um papel fundamental na



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

criação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, na sigla em inglês), tido até hoje como a "Bíblia" da psiquiatria mundial. Desmistificando a homossexualidade, em suas pesquisas, o médico determinou que a homossexualidade não era uma doença desde que os homossexuais se sentissem confortáveis com sua sexualidade, valendo a mesma lógica para os heterossexuais.

A esse respeito, é oportuno lembrar que a comunidade médica é unânime ao afirmar que nenhuma orientação sexual é doença. Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a palavra da lista de transtornos mentais ou emocionais e a decisão foi seguida por todas as entidades de psicologia e psiquiatria no mundo³. Apesar de o Conselho Federal de Psicologia pedir que psicólogos não colaborem com serviços que propõem uma "cura" da homossexualidade, o projeto já foi aprovado por três Comissões da Assembleia (Constituição e Justiça, Saúde e Combate à Discriminação) e vem causando polêmica.

Mais importante que considerar a homossexualidade um problema

psicológico, passível de ser tratado, é educar a população para respeitar as individualidades. Diferenças não são escolhas, e sim tendências que fazem parte da natureza das pessoas.

O preso de número 9, como homem trans, também conta um pouco de sua trajetória de exclusão e luta por aceitação que se inicia dentro de sua casa. Sobre esta perspectiva, Berenice Bento (2011) nos leva a refletir sobre os limites das instituições sociais em lidar com sujeitos que fogem as normas de gênero, enfatizando que,

O que está posto é uma evidente disputa com os valores hegemônicos que localizam e conferem direitos apenas a uma parcela da humanidade. Essa disputa revela a precariedade de um sistema de gênero e sexualidade assentado no império do biológico e, conseqüentemente, na genitalização das relações sociais. Essa precariedade pode ser observada quando milhões de pessoas ocupam espaços públicos demandando humanidade e tencionando os limites dos direitos humanos, quando pessoas transexuais reivindicam

³ Essa questão voltou à tona recentemente por causa de um projeto de lei – inédito no mundo – que está tramitando na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. O deputado estadual e pastor evangélico Édino Fonseca (PSC) propõe que verbas públicas sejam usadas no tratamento de pessoas que “voluntariamente optarem por deixar a

homossexualidade”. No caso de menores, os pais poderão escolher se a criança ou o adolescente deve passar pelo tratamento. Para Édino, a homossexualidade é um distúrbio psicológico. “O tratamento vai desfazer os bloqueios que levaram aquela pessoa à homossexualidade”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

direitos e explicitam o debate sobre a diversidade/diferença de gênero (p. 559).

São esses limites sociais, no que tange a um sistema de gênero, baseados na perspectiva biológica, que precarizam e invisibilizam os direitos humanos frente a diversidade de gênero, são esses processos castradores que as presas/os nos relatam em seus discursos.

Para Butler (1998), o gênero não é binário senão múltiplo, e ocorre de acordo com as condições de cada mulher e de cada homem, aparece como o meio discursivo/cultural mediante o qual se produz uma ‘natureza sexuada’ ou um ‘sexo natural’, embora os sexos pareçam ser binários, em sua morfologia e constituição, isto não ocorre (p. 56).

As pessoas são ‘transgêneros’, cada vez mais, transcendem/transgridem a atribuição de gênero conforme seu sexo ao nascer. A forma de resistir às normas de gênero faz-se por via de *performances* subversivas de gênero, que desestabilizam esta equação sexo/gênero/desejo; por exemplo, *performances* em que o sexo e o gênero não correspondam, ou em que a hegemonia da heterossexualidade é contestada⁴. Butler (1998) concebe gênero

não é uma categoria ontológica, mas que se faz”, que “se constrói”, que é, em última análise, performance.

Cruz e Diaz (2015) destacam o corpo em seu sentido sociocultural, chamando atenção para a dificuldade em se pensar sobre gênero e sexualidades na prática educadora, considerando a naturalização do corpo em suas práticas culturais, que condicionam representações e imaginários sobre o feminino e o masculino, condicionando o certo e o errado, dentro ou fora dos padrões sociais em um constante processo de discurso civilizador. Abordam uma discussão acerca do corpo imerso a campos de poder, político, cultural, social, identitário, disciplinador, dominador, bem como libertador/emancipador (p. 81).

Os corpos que fogem às normatizações são taxados de estranhos, portanto, sofrem com as imposições sociais que ditam o que é correto. Esse processo é nomeado por Berenice Bento (2011) de heteroterrorismo, de modo que aqueles que fogem do tradicional (homem e mulher baseados no sexo biológico) sofrem julgamentos diários.

As presas em suas falas se reportam para múltiplas formas de viver a

corpos e, em simultâneo, perceber o modo como artistas criticam a criação de corpos dóceis e a ficção do binarismo hegemônico de gênero.

⁴ Através das *performances*, podemos observar como os gêneros são produzidos e reconhecidos como



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sexualidade, consideram injusto serem taxadas como corpos sem sexualidade, assim como não possuir direito ao sexo simplesmente por ser mulher. Isso fica explícito nas falas da presa 3, que afirma,

É assim, tem gente que gosta de mulher e tem gente que não gosta, ai como a gente não tem visita aqui, a gente fica com vontade de namorar, de matar a vontade que a gente sente.. não tem visita íntima aqui. Ai tem vez que sobe pra cabeça ai a gente vai lá e chupa charque, mas quem pensa muito não faz... Não eu não sou contra não. No primeiro dia que eu cheguei aqui até me deu vontade de ir namorar, ai peguei e falei não você não é assim. Um dia você vai namorar lá fora, e eu espero namorar lá fora com um homem. Às vezes me dar vontade de namorar, ai eu digo, há meu Deus o que eu vou fazer agora sem namorar, risos... A gente sente necessidade física né, mas o major não deixa. Mas os homens têm, dia de sábado e de quarta (PRESA 3).

Desta forma, a presa 3 retrata sua percepção de vivência diária com relação a sexualidade, nas entrelinhas ela nos diz que chupa charque e ao mesmo tempo tenta se justificar ressaltando que se controla e que pensa em namorar lá fora. Ainda, a presa de número 11, nos informa que

“Gosto dos dois. Sei curtir a vida. Risos” (PRESA 11).

De acordo com Silva (2015),

[...] é a fuga das identidades de gênero fixadas que aproxima as pessoas, em nome da busca de um tipo de prazer que o sistema proíbe, complementando essa vontade humana de realização do desejo físico, mas também afetivo [...]. Trata-se como sugere Foucault de uma atitude, de um modo de sentir, que além de questionar o possível da libertação. Essas são, pois, relações antidisciplinares, anti-institucionais, são criações, o imprevisível e que ultrapassam qualquer categoria de gênero, de sexo, de etnia (p. 157).

Assim, as presas expandem as relações, em meio ao pátio, estendendo roupas, conversando, fumando um cigarro, dormindo juntas, tomando banho, elas constroem um mundo, ao qual, o sistema não pode controlar. Temos de um lado a tentativa sem sucesso de controle do sexo, e de outro, um jogo de relações que se recriam e se reinventam, liberdades vivenciadas por meio da sexualidade que vai além do aerossol e chupa charque, pois são “[...] diagramas de liberdades nas quais as presas [...] se constituem demasiadas humanas” (SILVA, 2015, p. 161).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Práticas de Cárcere

Considerações finais

São nesses contextos que as mulheres constroem suas subjetividades, apaixonando-se, compartilhando-se, erotizando-se, brigando, rindo e chorando. Quebram a frieza e a força da disciplina cotidiana no presídio. Mulheres que assumem múltiplas identidades, que desmantelam os padrões idealizados do corpo feminino referente ao dócil e frágil. O feminino transgressor de identidades de gênero, que se reinventa e cria outros arranjos possíveis de experimentar o corpo.

Tratamos de vidas que subjetivam a prisão de maneiras diferenciadas, que vivem a sexualidade como modo de libertação. Que transgridem as normas de gênero e que transforma um corpo violado a um corpo repleto de fugas e prazer.

Torna-se exitoso, argumentar que não pretendemos afirmar verdades sobre a relação das presas com o crime, nem tão pouco julgarmos os/as sujeitos/as da pesquisa, mas de uma maneira peculiar buscamos refletir sobre a arte de existir dessas pessoas que burlam as regras e são temidas por um corpo social.

Com relação ao modo como as mulheres vivenciam suas experiências nos discursos sobre o seu dia a dia e constroem estratégias de sobrevivência na prisão, verificamos o ato de se reconstruir diariamente, mulheres que se

ressignificam e constroem uma identidade positiva de si a fim de serem aceitas, identidade atrelada a construção histórica de mulher submissa e confiável, que em contrapartida, são por excelência, exemplos de resistência de tais modelos, na medida em que cometem crimes e rompem com o padrão sabrecado de ser mulher.

O estudo relata de maneira peculiar as vivências da sexualidade das mulheres no cárcere, que nos revelam divisões concernentes ao gênero, na medida em que o padrão de mulher ideal enraizado impera nas falas, vivências e até mesmo nos direitos dessas mulheres, como por exemplo a sonegação do direito a visita íntima, a qual é válida apenas para os homens.

Assim, as mulheres presas ludibriam as regras e desmantelam o poder do cárcere. Uma forma de estratégia de sobrevivência evidenciada durante a pesquisa diz respeito as práticas sexuais, as quais o aerossol (ato sexual com fracos de desodorantes vazios) e o chupa charque (sexo oral), são gritantes como categorias nativas de experiências múltiplas de vivências na prisão.

Mulheres que se deleitam umas sobre as outras sobre o silêncio da noite, quando as grades e os enormes cadeados são fechados, estas mulheres buscam fugas do disciplinamento dos corpos por meio de mecanismos de sobrevivência no cárcere. Mulheres que riem e choram, que se



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contradizem em seus discursos em busca de uma verdade própria, estando a todo momento na ânsia de serem ouvidas, falando de suas vidas como quem gritam: eu existo!

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de.

Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liberlivros, 2005, p. 7-70.

BENTO, BERENICE. Na escola de aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**, v, 19, n.2, p. 549-559, mai-ago, 2011.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, (42), p. 250-274, jan-jun de 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

CAVALCANTI, Fernando. Drauzio Varella. **O único lugar em que a mulher tem liberdade sexual é na cadeia.** São Paulo. 9 de julho de 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/05/politica/1499276543_932033.html Acesso em 20/12/2017 às 19:40.

COSTA, Elaine Cristina Pimentel. **Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas.** 2. Ed. – Maceió : EDUFAL, p. 153, 2008.

DIAS, Alfrancio Ferreira; CRUZ, Maria Helena Santana. **A produção/reprodução do corpo generificado na escola.** Cadernos de Pesquisa, v. 22, n.3, pp. 25-41, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** Aula inaugural no collége de France. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.- 18 ed. Janeiro de 2009- São Paulo. Pronunciado em 2 de dezembro de 1970.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Ghilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** Nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 41^a. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da cultura.** São Paulo: LTC, 1989.

MEYER, Dagmar Estermann. PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós críticas em educação.** Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva:** processo reconstrutivo de múltiplas faces. Rio Grande do Sul, 2006, p. 117-128.

PIMENTEL, Elaine. Mulheres e violências: interseccionalidades. IN: **Prisões femininas:** por uma perspectiva feminista e interseccional. Brasília, 2017.

SILVA, Vanuza Souza. Michel Foucault: história ética e subjetividade. IN: **Campos heterópicos, disciplina e resistências:** a prisão feminina sob a o olhar de Michel Foucault. Edufal, Maceió, 2015.

SILVA, Vanuza Souza. **O entre da liberdade, as prisões:** os feminismos que emancipam, prendem?: uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000) – Recife: o autor, 2014. 300f.